

GEOGRAFIA E LITERATURA

Raquel Naveira*

Geografia é a ciência que estuda o globo terrestre em sua forma, acidentes físicos, clima, populações, produções, divisões políticas.

Desde muito cedo o homem procurou conhecer as regiões que habitava e seus arredores. As guerras obrigavam os Estados a dedicar especial atenção à Geografia.

Com os gregos surge uma concepção científica e metódica de Geografia que consiste em procurar um conhecimento filosófico do mundo.

Os romanos estabeleceram uma concepção utilitária sobre Geografia e elaboraram dicionários topográficos, traçaram itinerários.

Na Idade Média, viagens e explorações contribuíram para despertar a atenção para um conhecimento de conjunto, homens e países.

As cruzadas do oriente contribuíram para a navegação e o comércio, fatores importantes para o desenvolvimento da Geografia.

Ficou famosa a viagem escrita pelo italiano Marco Pólo, cujas narrativas fantásticas estimularam o interesse pela navegação por terras desconhecidas.

Os grandes descobrimentos dos séculos XV-XVI concorreram para melhor visão de conjunto do mundo.

A Geografia é portanto a ciência da terra; sintetiza os fenômenos

* Professora da Universidade Católica Dom Bosco e poetisa.

ocorridos na superfície terrestre e procura dar-lhes uma explicação. Baseia-se na observação e documentação.

Quando estudarmos as origens de literatura de um determinado país ou Estado, encontraremos nas raízes a curiosidade geográfica, descrições de viagens, de lugares, de povos.

No caso do Brasil, conforme nos explicam Antônio Cândido e J. Aderaldo Castelo em “Presença da Literatura Brasileira - Das Origens ao Realismo”, “a crônica histórica e informativa”, se intensifica em Portugal, no momento das grandes navegações, conquistas e descobertas ultramarinas, testemunhando a aventura geográfica dos portugueses, os seus ideais de expansão da cristandade assumem um sentido épico e humanístico, que se estende ao Brasil e logo adquire entre nós algumas características peculiares. Houve ainda “o deslumbramento diante da paisagem exótica e exuberante”, testemunhado pelos cronistas portugueses que escreveram sobre o Brasil - Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães de Gandavo, Gabriel Lares de Souza. Nasceu aí o germe da nossa historiografia: descrição, observação, documentação. O louvor da terra é também o germe da formação da consciência nacional.

No caso da poesia brasileira é o modelo camoniano que se impõe. O poema épico, nos moldes d’Os Lusíadas (descrição lúdica das viagens e glórias portuguesas em versos), é constante nos processos expressivos no decorrer de nossa evolução literária.

Bento Teixeira nascido no Porto em 1550, veio moço para o Brasil e morreu em Pernambuco como mestre-escola. Escreveu “Propopéia”, pequeno poema épico louvando Jorge de Albuquerque Coelho, donatário de Pernambuco, celebrando a prosperidade desta Capitania. Assim descreve Recife:

*“Para a parte do Sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Céu luminoso, mais serena
Tem sua influência, e temperada.
Junto da nossa Lusitânia ordena
A natureza, mãe bem atentada,*

*Um porto tão quieto e tão seguro,
Que para as curvas naus serve de muro”.*

Fernandes Brandão, cristão-novo português, que se fixou no Brasil em 1583 na Paraíba, escreveu “Diálogo das Grandezas do Brasil”, onde informa sobre as condições do colonizador em capitanias do Nordeste e sobre as possibilidades da terra. Escreveu ele recorrendo à geografia:

“Tem seu princípio esta terra, a respeito do que está hoje em dia povoado de portugueses, do Rio das Amazonas, por outro nome chamado o Pará, que está situado no meio da linha equinocial até a capitania de São Vicente, que é a última parte do Sul da dita linha, e entre esta primeira povoação e a última parte do Sul da dita linha, e entre esta primeira povoação e a última de São Vicente há muitas terras fertilíssimas, povoações, notáveis rios, famosos portos e baías capacidíssimas de se recolher neles e nelas grandes armadas”.

Quanto às origens da literatura sul-mato-grossense, lembramos que, por ocasião da descoberta do Brasil, nossa região era habitada pelas tribos indígenas. O primeiro homem branco a pisar-lhe o solo foi Aleixo Garcia.

Os bandeirantes desbravaram Mato Grosso. A rota das bandeiras era a seguinte: partiam de Porto Feliz, desciam os rios Tietê e Paraná, subiam o Pardo até as cabeceiras e atravessavam o divisor das águas do Paraná com o Paraguai, na localidade de Camapuã, ganhavam o rio Paraguai e subiam até Cuiabá.

O bandeirante Pascoal Morena Cabral Leme descobriu as minas de Cuiabá.

No período do governo de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1771-1790) ocorre a fundação de Corumbá (21/09/78). Em 1797 surge o Presídio Militar de Miranda. Em 1829 o destemido desbravador mineiro José Garcia Leal funda a cidade de Santana do Paranaíba. Aos Garcias seguiram-se, no povoamento do sul de Mato Grosso os Coelho, os Souza, os Lopes e os Barbosa.

Explica o escritor José Couto V. Pontes em “A História da Literatura sul-mato-grossense”, que, ao que tudo indica, foram os trabalhos escritos de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, fidalgo da melhor estirpe, que se destacava na Matemática, na Geografia e na História, os primeiros a revelarem a preocupação literária.

Cáceres escreveu a obra “Construção do Forte Príncipe da Beira e Conservação de outros estabelecimentos”, e ainda “O Diário da Viagem do Rio de Janeiro a Vila Bela”, peças valiosas, documentadas com desenhos de Cáceres representando os lugares por onde ia passando: fazendas, engenhos, arraiais, vilas etc.

Ricardo Franco de Almeida (1748-1809), colaborador de Cáceres, escreveu entre outras obras “Diligência ao Rio Paraguai”, “Parecer sobre os Guaicurus e os Guanás” e “Extrato da Descrição da Capitania de Mato Grosso”.

Augusto João Manoel Leverger, o Barão de Melgaço (1801-1880), “o bretão cuiabanzado” escreveu: “Memórias sobre o Rio Paraguai desde Nova Coimbra”, “Mapa da Fronteira do Sul da Província de Mato Grosso”, “Carta de um Reconhecimento do Distrito de Miranda”.

O grande precursor da literatura sul-mato-grossense foi, sem dúvida, o Visconde de Taunay, Alfredo Maria Adriano D’Escragnoille Taunay, nascido do Rio de Janeiro, no dia 22 de fevereiro de 1843.

Em começos de 1850, matriculado na Escola Militar, onde recebeu o grau de segundo-tenente da artilharia, eclodiu a Guerra do Paraguai. Sucediã-se notícias terríveis da invasão paraguaia na província de Mato Grosso. Taunay foi obrigado a abandonar os estudos e a seguir com as tropas que para cá se destinavam. Em julho de 1865 partiu de São Paulo com a expedição que daria combate às forças paraguaias e que propiciara a Taunay escrever o famoso livro “A Retirada da Laguna”. A morosa viagem foi narrada por Taunay no “Relatório Geral da Comissão de Engenheiros”. Descreve a fadiga da marcha, a insalubridade do clima no pantanal mato-grossense, a malária e o beribéri dizimando os soldados. Taunay destacou-se por procurar os soldados, uma passagem pela qual o corpo do Exército pudesse deixar os banhados de Coxim e por prestar serviço na

malograda expedição do coronel Camisão na tentativa de invadir o Paraguai.

Em sua “Pequena História da Literatura Brasileira”, ao se referir à Retirada da Laguna, afirma Ronald de Carvalho: “*Esse livro, onde há muitas qualidades de imaginação nas descrições das paisagens e no lirismo que lhe imprime um sopro de epopéia, é um dos mais belos e reconfortadores poemas da nossa raça e o melhor título de glória para seu autor*”. Taunay escreveu ainda o célebre “Inocência”, romance regionalista, um caso de amor contrariado entre a moça jovem, Inocência, e um “médico viajante”, Cirino, que descreve os hábitos, costumes e cenários da vida do sertão mato-grossense, que ele tão bem conheceu nas viagens e campanhas militares. O primeiro capítulo “O Sertão e o Sertanejo”, serve para introduzir o leitor no mundo em que a história vai se desenvolver. Transcrevemos este texto “geográfico”:

“Corta extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima Província de Mato Grosso a estrada que das vilas de Sant’ana do Paranaíba vai ter ao sítio abandonado de Camapuã. Desde aquela povoação, assente próximo ao vértice do ângulo em que confirmam os territórios de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso até o rio Sucuriú, afluente do majestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de léguas, anda-se comodamente, de habitação em habitação, mais ou menos chegadas umas às outras; rareiam porém, depois as casas, mais e mais, caminham-se largas horas, dias inteiros sem ver morada nem gente até ao retiro de João Pereira, guarda avançada daquelas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante daqueles prolongados páramos, oferece-lhe o agasalho e o provê da matalotagem precisa para alcançar os campos de Miranda e Pequiri, ou da Vacaria e Nioaque, no Baixo Paraguai”.

Além da questão das origens de uma literatura, fundamentalmente ligadas à historiografia e à geografia do lugar, outra questão geográfica importante para a literatura é a noção de “espaço” nas obras literárias.

Esta questão está ligada ao estudo da “unidade estética”: a combinação harmônica das partes secundárias da obra de arte a um tema, idéia ou assunto.

O conceito de “unidade” remonta a Platão. Aristóteles defendeu a regra de três unidades: entendia que a arte dramática deveria transcorrer num determinado lapso de tempo, num mesmo lugar e conter uma única ação. Quanto ao espaço considerava que a ação deveria passar-se num só lugar, ou ao menos dentro dos limites de uma cidade.

Com o liberalismo romântico, a regra de três foi abalada: os acontecimentos passam a se suceder fora de qualquer restrição temporal ou geográfica.

O conto é univalente: um só drama, um só conflito, uma só unidade dramática, uma só história, uma só ação, uma única célula dramática. O espaço da ação é limitado: o conto pode transcorrer numa cidade, numa sala. A unidade de ação gera a unidade de lugar.

Na novela o espaço vincula-se ao tempo. As peripécias conferem à narrativa um dinamismo semelhante à câmara rápida do cinema mudo. As personagens deslocam-se de lugares. Somente interessam os pontos geográficos onde se vai passar algum episódio ou cena relevante para o conjunto da ação. A novela caracteriza-se por desenrolar-se numa geografia fictícia, mero cenário para a fabulação, que é o principal foco de interesse do narrador.

O romance se identifica com a pluralidade geográfica: o ficcionista pode, livremente, deslocar a personagem de um lugar a outro, contanto que a situação conflitiva o justifique. Quando circunscreve demasiado o âmbito geográfico em que as personagens se movem, o escritor corre o risco de inibir a ação.

O espaço tem importância dramática no romance, pois funciona como extensão das personagens ou caracterização das suas tendências psicológicas. Os romances burgueses, por exemplo, como “O crime do Padre Amaro” ou “O Primo Basílio” de Eça de Queiroz têm como cenário típico o urbano.

A poesia caracteriza-se pela ausência de narração, não implica acontecimentos, mas estados, não são enredos, mas situações em que o “eu” do poeta vive um conflito sem ações. Mesmo assim em muitos poemas os poetas deixam transparecer o seu “espaço”: o lugar onde vivem e sonham, o lugar que elegeram como raiz, origem de sua poesia. A poesia de Cora Coralina transpira Goiás; a de Mário de Andrade, São Paulo; a de Carlos Drummond de Andrade, Minas Gerais; a de João Cabral de Melo Neto, Pernambuco e assim por diante.

O professor de Português e ou de Literatura Brasileira ao trabalhar um texto das origens da literatura deve ressaltar para os alunos a importância e a ligação entre o estudo da geografia e a elaboração do texto literário. Mostrar em mapas o percurso das viagens de acordo com o conteúdo do texto trabalhado. Sempre situar o espaço e o tempo em que se desenvolve o texto. Tanto o espaço e o tempo do autor biograficamente falando (quando nasceu, onde viveu, de que momentos históricos participou), quanto o espaço e o tempo do texto em si (quando e onde se desenvolve o conteúdo do texto).

O professor de Geografia pode, antes de estudar uma região, preparar emocionalmente os alunos com um texto. Por exemplo, ao introduzir aulas sobre a região nordeste, ler um poema de João Cabral de Melo Neto como este “Pregão Turístico do Recife”:

*“Aqui o mar é uma montanha
regular, redonda e azul,
mais alta que os arrecifes
e os mangues rasos ao sul.*

*Do mar podeis extrair,
do mar deste litoral,
um fio de luz precisa,
matemática ou metal.*

*Na cidade propriamente
velhos sobrados esguios
apertam ombros calcários
de cada lado de um rio.*

...

*E neste rio indigente,
 sangue- lama que circula
 entre cimento e esclerose
 com sua marcha quase nula,
 e na gente que se estagna
 nas mucosas deste rio
 morrendo de apodrecer vidas inteiras a fio,
 podeis aprender que o homem
 é sempre a melhor medida.
 Mais: que a medida do homem
 não é a morte mas a vida”.*

Um poema como este dá margem para que também seja discutida a situação social e econômica do local. Pode-se ilustrar a aula com fotografias, cartões postais e turísticos do Recife.

Outro ponto de intersecção entre a geografia e a literatura é a questão da toponímia, ou seja, a “designação dos lugares pelos seus nomes, o estudo dos nomes geográficos”. O estudo da toponímia é de importância fundamental, sobretudo nos domínios lingüístico e histórico. Esse estudo é dificultado por explicações arbitrárias e pitorescas sobre as origens dos nomes geográficos, sendo fácil neste campo a formação de lendas.

Guimarães Rosa (1908-1967), genial autor do “Grande Sertão: Veredas” foi um apaixonado pela toponímia. O levantamento da toponímia é uma das “trilhas” ou das “veredas” na qual podemos nos embrenhar pelo grande sertão. Folheando a esmo cito alguns nomes de localidades (cidades, rios, aldeias, pontes, fazendas, retiros, montes) retirados apenas das primeiras 40 páginas do romance: Terras de Urucúia, Vereda-da-Vaca Mansa de Santa-Rita, Cachoeira dos Bois, Campo-Redondo, Vereda do Buriti Pardo, Passo do Pubo, fazenda O Limãozinho, Vau-Vau, Sete Lagoas, Serra-Nova, distrito de Rio Pardo, Ribeirão Traçadal, Serra do Cafundó, Campo Azulado, Queimadão, Angical, Extrema-de-Santa-Maria, Cabeça de Negro, Chapadão das Vertentes, Brejo Verde, Córrego das Quebra-Quináus, paragem da Aroeirinha, Piratinga, Liso do Sussuarão, Bambual do Boi, fazenda Santa Catarina, lagoa Sussuarana, Vereda do Vitorino, córrego Genipapo,

Rio Pandeiros, Vereda do Alegre, rio Acari, Vila da Pedra de Amolar, Barreiro Novo, rio do Borá... Guimarães Rosa viajava pelos sertões de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, anotando em suas célebres cadernetas os nomes dos lugares por onde passava. Pudemos perceber o lirismo dos nomes, a criatividade, as influências portuguesas, africanas e indígenas dos vocábulos. Guimarães Rosa também esteve em Mato Grosso do Sul e se encantou principalmente com o nome da cidadezinha “Sanga Puitã”, nome guarani que significa “vala vermelha”. Registrou ele no livro “Ave, palavra”:

“Volvendo norte, passa por nosso derradeiro olhar a cidadezinha de Sanga Puitã, à borda de um campo com cupins e queimadas, arranchada entre árvores que o vento desfolha. Diz-se que sua área é menos que a do cemitério. Apenas a gente pensa que a viagem foi toda para recolher esse nome encarnado molhado, coisa de nem vista flor”.

Os professores de Geografia e de Português/Literatura devem mostrar aos alunos a importância da valorização da toponímia para a criação da própria identidade. Amamos aquilo que conhecemos, à medida que criamos raízes, criamos asas. Vamos conhecer os nomes e os significados dos nomes dos municípios de nosso Estado, das ruas da nossa cidade, de nosso bairro. Vamos viajar anotando os nomes das fazendas, dos rios, dos lugares por onde passarmos. Essa “coleta” nos trará momentos cheios de alegria, poesia e reflexão.

O professor, historiador e jornalista, J. Barbosa Rodrigues, escreveu um precioso livrinho intitulado “Meus Haicais” (1987), são pequenos e sintéticos poemas de três versos inspirados na arte oriental do poeta Bashô, em que J.B. Rodrigues comenta sobre a beleza e a essência dos significados dos nomes dos municípios de Mato Grosso do Sul. Alguns exemplos:

Água Clara

Límpida caudal
Batizou a sonolenta
cidade natal

Bataiporã

Água bonita
e nome do fundador
formaram seu nome

Camapuã

Dois morrotes
espetam altamente
as baixas nuvens.

No começo do livro há o significado de alguns vocábulos de toponímias guaranis, como: Camapuã- túmidos seios; Caarapó- raiz de erva; Tacuru- cupinzeiro, formigueiro.

Citemos mais alguns nomes de cidades do nosso Mato Grosso do Sul: Amambai (feto macho); Antônio João (herói durante a Guerra do Paraguai); Anastácio (fundador); Aral Moreira (jurista); Aquidauana (o mais belo rio do mundo); Aparecida do Tabuado (santa e porto); Bandeirantes; Brasilândia; Coronel Sapucaia (antiga Nhu-Verá); Corguinho; Campo Grande; Coxim (rio); Caracol; Costa Rica; Dourados; Deodápolis (cidade de Deus); Guia Lopes da Laguna; Itaporã (Pedra Bonita); Inocência (romance de Taunay); Ivinhema (rio); Jardim; Jateí (abelha); Ladário (porto); Mundo Novo; Maracaju (serra); Miranda (capitão); Nioaque (clavícula quebrada); Naviraí (planta); Nova Andradina; Pedro Gomes (antiga Amarra-Cabelo); Ponta Porã (ponta bonita); Porto Murtinho (ervateiros); Paranaíba; Rio Negro; Rochedo; Ribas do Rio Pardo; Rio Verde de Mato Grosso; Selvíria; Sidrolândia (de Sidrônio); Sete Quedas; São Gabriel do Oeste; Taquaruçu (taquara grande); Terenos (bugre); Três Lagoas.

No dicionário português-guarani de Tertuliano Amarilha (Cuiabá-MT) podemos fazer o exercício de, através das pistas oferecidas por J. B. Rodrigues, procurarmos a palavra em português para constatar sua forma em guarani. Por exemplo: “Terenos” vem de “bugre”, bugre de “te’y i”, “Naviraí” vem de “planta”, planta é ñaná.

Quanta riqueza!

Quantos trabalhos interdisciplinares!

O professor de geografia mostrando os aspectos físicos e geográficos do Estado, a localização dos municípios. O professor de Português/Literatura trabalhando os significados dos nomes.

Os alunos motivados escrevendo redações e poemas sobre as cidades de Mato Grosso do Sul. O professor de História levantando as figuras dos heróis, dos fundadores, as histórias dos precursores da Guerra do Paraguai.

Ao final destas considerações sobre a ligação entre Geografia e a Literatura, percebo que através da leitura viajamos por muitos lugares sem sair do lugar. Um escritor, embora seja cidadão do mundo e pertença a todos os lugares, elege em sua obra um lugar.

BIBLIOGRAFIA

AMARILHA, Tertuliano. *Dicionário Português-Guarani*. 5. ed. Cuiabá-MT : [s.n.], 1994.

CÂNDIDO, Antônio; CASTELO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira - das origens ao realismo*. São Paulo : Difel, 1985.

Enciclopédia Brasileira Mérito. Vol. 9 e 19.

MELO NETO, João Cabral de. *Antologia poética*. 3. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1975.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 7. ed. São Paulo : Cultrix, 1995.

NAVEIRA, Raquel. *Fiandeira*. São Paulo : Estação Liberdade/FUCMAT, 1992.

PONTES, José Couto Vieira. *Histórias da literatura sul mato-grossense*. São Paulo : Editora do Escritor, [s.d.].

RODRIGUES, J. Barbosa. *Meus haicais*. Curitiba : Literatura Técnica, 1987.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo : Victor Civita, 1983.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo : Três, 1972. (Col. "Obras imortais de nossa literatura").